



CORPO DE DELITO

Medo, consolo e uma exposição de Graça Morais

O retrato da mão que ajuda, da voz que embala, do olhar que apazigua, do sorriso que acaricia, do gesto que tempera; o retrato dos antídotos do medo



Rui Patrício

O medo. O medo é talvez o mais poderoso dos sentimentos humanos. Assim começava também o texto da semana passada. Esse tinha Henrique VIII como protagonista, este tem a obra de Graça Morais. Ao longo da vida, várias vezes vi como as ideias feitas podem ser erradas. Ultimamente vi mais uma ideia feita a esboroar-se, aquela segundo a qual no Interior há pouca coisa para além da paisagem. Em Bragança, por exemplo, não é assim. A cidade tem inúmeros equipamentos, alguns deles culturais, e a pedir meças a capitais ou a cidades de menor interioridade. Entre todos, destaco o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, onde está em exposição (até Novembro) "Uma Antologia da Terra ao Mar", mais um passo de uma obra maior.

Nesta exposição, vários trabalhos têm por tema principal o medo. Por ali desfilam algumas das figuras de sempre da obra da pintora (mulheres, cães, outros bichos, mitos, crenças, sangue), ostentando os traços marcantes, fortes, densos e coloridos do medo, que aparece e vive sob várias formas. Temos ali um retrato do medo e, com ele, um retrato do humano. Mas, ao mesmo tempo, temos um outro retrato, o do consolo, do amparo, da esperança, do afago; o retrato da mão que ajuda, da voz que embala, do olhar que apazigua, do sorriso que acaricia, do gesto que tempera, da palavra que conforta. Temos o retrato dos antídotos do medo, e é isso que torna as obras expostas especialmente poderosas, e certas a retratar o que de mais profundo existe nos homens. Se o medo é um sentimento forte, talvez o mais poderoso, ele só se compreende, só tem sentido e só se suporta porque existe um conjunto de antídotos para esse medo, e são eles que completam o retrato e o tornam inteiro e compreensível.

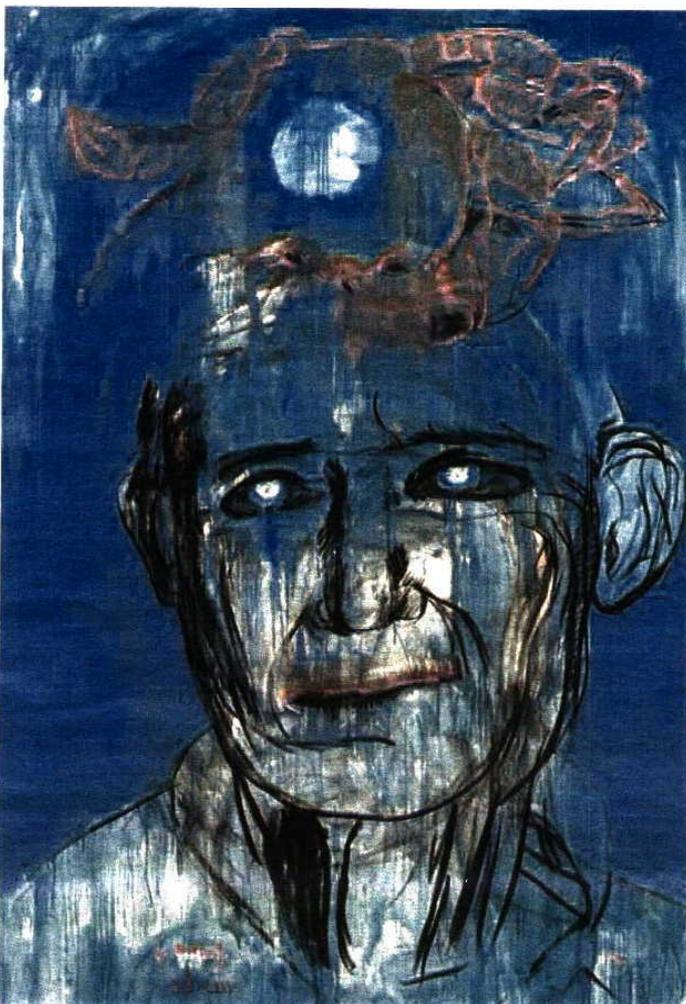
Os antónimos do medo também são

importantes, e o seu poder não é de somenos; a valentia, a coragem, o desassombro, a ousadia, tudo isso tem o seu lugar, tudo isso importa. Mas o amparo, o consolo e a esperança importam mais, contam mais. E eles estão naquelas obras, com tanta força quanto o medo. Talvez por isso esta exposição case tão bem com aquela que, na mesma rua, algumas portas adiante, podemos encontrar: as fotografias de Georges Dussaud. A preto-e-branco, mas tão cheias de cor, tão intensas e tão vivas quanto os quadros de Graça Morais. E retratando o mesmo par, de mãos entrelaçadas: medo e consolo. E talvez por isso também o quadro mais marcante da exposição seja

precisamente aquele que foi escolhido como seu símbolo: "Os Olhos Azuis do Mar", onde existe no rosto do pescador e nos traços e cores do quadro tanto de medo quanto de consolo, tanto de escuridão quanto de luz, tanto de resignação quanto de esperança. Poderia ser outro esse quadro-símbolo, se Graça Morais o tivesse pintado, mas seria um retrato demasiado óbvio (e a arte maior quase nunca é óbvia): uma mulher e uma criança de colo, uma cadela e um cachorrinho ou uma mãe a lamber a cria – esta campeã do medo, aquela campeã do consolo.

Advogado

Escreve ao sábado



O medo expresso na arte